



SEÇÃO: TRADUÇÃO

Nicolau de Paris e a suficiência das categorias: Estudo introdutório, edição e tradução de *Rationes super Praedicamenta Aristotelis*, proémio e questão 3

Nicholas of Paris and the sufficiency of the categories: Introductory study, edition and translation of Rationes super Praedicamenta Aristotelis, prooemius and question 3

Nicolás de Paris y la suficiencia de las categorías: Estudio introductorio, edición y traducción de Rationes super Praedicamenta Aristotelis, proemio y cuestión 3

Mário João Correia¹

orcid.org/0000-0001-7883-0950

mjcorreia@letras.up.pt

Recebido em: 17 mai 2022.

Aprovado em: 06 mai 2023.

Publicado em: 08 dez 2023.

Resumo: A lista de dez categorias apresentada por Aristóteles no capítulo 4 das *Categorias* gerou, desde cedo, sérios problemas aos intérpretes. Em primeiro lugar, não é claro qual o objetivo e o âmbito desta lista. Trata-se de uma tentativa de estabelecer os gêneros mais gerais de palavras, de coisas, de conceitos, de todos eles? Em segundo lugar, Aristóteles enumera as categorias, mas não apresenta qualquer justificação para o seu número e completude. Esta lacuna conduziu os intérpretes a forjar diversas tentativas de resolver estes dois problemas. Na escolástica medieval de língua latina, quer por razões didáticas, quer por razões teóricas, a receção destes problemas tomou a forma de uma discussão acerca de uma via divisiva ou *sufficiencia* que demonstrasse a completude da lista aristotélica. Evidentemente, para que essa via divisiva seja consequente, é necessário antes estabelecer qual o âmbito da lista. É intenção do presente artigo apresentar um dos primeiros textos do século XIII no qual estes problemas são discutidos: *Rationes super Praedicamenta Aristotelis* de Nicolau de Paris (m. 1263), importante *magister artium* da Universidade de Paris no segundo quartel do século XIII, autor de uma das primeiras *sufficienciae* neste contexto escolástico, fonte imprescindível para compreender a origem e a evolução deste tipo de resposta ao problema da completude da lista de categorias.

Palavras-chave: Nicolau de Paris; categorias; *sufficiencia praedicamentorum*.

Abstract: Aristotle's list of the ten categories in *Categories*, chapter 4, generated serious problems for the interpreters since its early reception stage. Firstly, it is not clear what is the goal and the scope of the list. Is it an attempt to establish the most general genera of words, of things, of concepts, of all of them? Secondly, Aristotle enumerates the categories, but he does not present a justification for their number and completeness. This gap made the interpreters forge various attempts to solve these two problems. In the context of Latin medieval scholasticism, both for didactical and theoretical reasons, the reception of these problems was made through the discussion of a *via divisiva* or *sufficiencia* that could demonstrate the completeness of the Aristotelian list. However, for it to be coherent, it is necessary to establish the scope of the list first. The intention of this article is to present one of the first texts of the 13th century where these problems were addressed: *Rationes super Praedicamenta Aristotelis*, by Nicholas of Paris (d. 1263), an important *magister artium* at the University of Paris in the second quarter of the 13th century, author of one of the first *sufficienciae* in this scholastic context, indispensable source for the understanding of the origin and evolution of this kind of answer to the problem of the completeness of the list of categories.

Keywords: Nicholas of Paris; categories; *sufficiencia praedicamentorum*.

Resumen: La lista de diez categorías presentada por Aristóteles en el capítulo 4 de *Categorias* generó desde muy temprano serios problemas a los intérpretes. En primer lugar, no es claro cual es el objetivo y el ámbito de la lista. ¿Se trata de



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

¹ Instituto de Filosofia, Universidade do Porto.

una tentativa de establecer los géneros más generales de palabras, de cosas, de conceptos, de todos ellos? En segundo lugar, Aristóteles enumera las categorías, pero no presenta una justificación para su número y completitud. Ese vacío llevó los intérpretes a forjar diversas tentativas de resolver estos dos problemas. En la escolástica medieval de lengua latina, tanto por razones didácticas, como por razones teóricas, la recepción de estos problemas tomó la forma de una discusión acerca de una vía divisiva o *sufficiencia* que podría demostrar la completitud de la lista aristotélica. Evidentemente, para que esa vía divisiva sea consecuente, es necesario establecer antes cual es el ámbito de la lista. La intención del presente artículo es presentar uno de los primeros textos del siglo XIII donde estos problemas son discutidos: *Rationes super Praedicamenta Aristotelis* de Nicolás de Paris (m. 1263), importante *magister artium* de la Universidad de Paris en el segundo cuarto del siglo XIII, auctor de una de las primeras *sufficienciae* en este contexto escolástico, fuente imprescindible para comprender el origen e la evolución de este tipo de respuesta al problema de la completitud de la lista de las categorías.

Palabras clave: Nicolás de Paris; categorías; *sufficiencia praedicamentorum*.

1 Estudo introdutório

Nicolau de Paris foi um importante *magister artium* da Universidade de Paris na primeira metade do século XIII. Sabe-se muito pouco acerca da sua vida. Morreu em março de 1263 e é bastante provável que seja o *Mestre Nichole aus hautes naches* do poema satírico *La Bataille des VII ars* de Henri d'Andeli. Nesta criação literária, escrita sensivelmente no segundo quartel do século XIII, surge-nos este *Nichole* como um dos combatentes da Dama Lógica – ao lado de João Pago e João Pointlasne, também eles mestres de Artes em Paris (daí a probabilidade de se tratar do nosso mestre de Artes) –, enfrentando em batalha os gramáticos de Orleães, defensores dos poetas e dos retores clássicos².

Com a exceção da sua introdução à filosofia (LAFLEUR; CARRIER, 1997), de um tratado sobre os sincategoremas (BRAAKHUIS, 1979) e de algumas edições parciais, a maioria das obras de Nicolau de Paris permanece inédita³. A

esmagadora maioria destas obras encontra-se num mesmo manuscrito da Biblioteca Estatal da Baviera, acerca do qual falaremos abaixo.

Heine Hansen, que se tem debruçado sobre os comentários às *Categorias* da primeira metade do século XIII, está a preparar uma edição do comentário de Nicolau de Paris (HANSEN, 2013). Enquanto essa edição não se concretiza, disponibilizo no presente artigo a transcrição do prómio e da questão 3, bem como a tradução portuguesa dessas partes. Ao longo deste estudo introdutório, procurarei aprofundar um pouco a razão desta escolha, mas ela prende-se essencialmente com o fato de serem as passagens nas quais Nicolau de Paris procura estabelecer o âmbito das categorias (prómio) e qual a justificação para a lista apresentada por Aristóteles (questão 3).

O comentário às *Categorias* de Nicolau de Paris chegou até aos dias de hoje em apenas um manuscrito: Munique, Bayerische Staatsbibliothek, clm 14460, ff. 42ra-62ra⁴. Trata-se de um manuscrito do século XIV, de proveniência desconhecida, constituído por 245 fólios em pergaminho. O manuscrito contém comentários de Nicolau de Paris a várias obras lógicas e gramaticais próprias dos currículos de estudos da Universidade de Paris do seu tempo. Eis as partes em que se divide o manuscrito:

- 1) Comentário à *Isagoge* de Porfírio, ff. 1-41vb;
- 2) **Comentário às *Categorias* de Aristóteles, ff. 42ra-62ra;**
- 3) Comentário ao *Da interpretação* de Aristóteles, ff. 62rb-100vb;
- 4) Outro comentário ao *Da interpretação* de Aristóteles, ff. 101ra-143va;
- 5) Comentário ao *Liber de divisione* de Boécio, ff. 144ra-150rb;

² "La fu mestre Jehans li pages, / Et Pointlasne, cil de Gamaches, / Mestre Nichole aus hautes naches. / Cil troi levent trive et caduvre / Sor .i. grant char en une cuve; / Li beled traioient le char" (PAETOW, 1914, p. 41-42).

³ São elas: um comentário a *Barbarismus* de Donato; umas *Questiones super Priscianum minorem*; um comentário a *De accentibus* de Prisciano; umas *Obligationes*; *Summe (Metenses)*; *Divisio scientiarum*; um comentário à *Isagoge* de Porfírio; um comentário ao *Liber sex principiorum*; um comentário ao *Perihermeneias*; um comentário ao *De divisione* de Boécio; um comentário aos *Tópicos* de Boécio; um comentário aos *Analíticos Posteriores*, um comentário aos *Elencos sofisticos* e *Rationes super Praedicamenta Aristotelis* (WEIJERS, 2005). Algumas das obras são catalogadas como de autoria apenas provável ou até mesmo incerta.

⁴ A digitalização do manuscrito está disponível gratuitamente no sítio da Bayerische Staatsbibliothek: <https://opacplus.bsb-muenchen.de/title/BV021540191>. Acesso em: 28 jul. 2021.

- 6) Introdução à filosofia de Nicolau de Paris, normalmente intitulada *Philosophia*, ff. 150va-151vb;
- 7) Comentário aos *Tópicos* de Boécio, ff. 152ra-173va;
- 8) Comentário ao *Liber sex principiorum*, ff. 174ra-188ra;
- 9) Comentário ao *Liber de accentibus* de Prisciano, ff. 188rb-201va;
- 10) Comentário a *Barbarismus* de Donato, ff. 201vb-208rb;
- 11) De novo, comentário ao *Liber de accentibus*, ff. 208rb-210ra;
- 12) Comentário aos *Analíticos Posteriores* de Aristóteles, ff. 211ra-243rb (os livros I e II encontram-se comentados na ordem inversa. Seguem-se alguns fólios com uma mão mais descuidada difícil de ler).

O comentário às *Categorias* de Nicolau de Paris está dividido em 11 *lectiones*. Cada *lectio* tem três secções distintas: Nicolau começa por dividir trechos do texto aristotélico e expô-los um a um (*divisio* e *expositio*); segue-se a *ordinatio*, isto é, uma tentativa de explicar a estrutura interna do texto aristotélico e o lugar do texto comentado na obra como um todo; por fim, seguem-se as questões e respectivas respostas. Antes das 11 lições, há um prólogo.

De acordo com Heine Hansen, é fácil perceber que se trata de um produto quase dire-

to do ensino sem um grande esforço editorial posterior, dado que encontramos no meio das lições referências que o demonstram, como por exemplo a expressão *heri dictum est* ("ontem, foi dito que..."). Além disso, trata-se do comentário mais semelhante em conteúdo ao de um autor contemporâneo de Nicolau de Paris, a saber, João Pago, cujo comentário está editado⁵.

Aqui, debruçar-me-ei sobre o prólogo e a questão 3, inserida no final da quarta lição. Estas duas passagens têm sido importantes numa investigação mais ampla sobre a suficiência das categorias na escolástica medieval (CORREIA, 2021). Com efeito, estas duas passagens permitem dar conta de duas questões interligadas: em primeiro lugar, qual é o sujeito do livro das *Categorias* de Aristóteles; em segundo, qual a (presumível) justificação para a completude da lista aristotélica das *Categorias* apresentada no capítulo 4. A resposta à segunda questão só é possível se antes se estabelecer qual é o âmbito da lista aristotélica. No caso de Nicolau de Paris, como foi comum no século XIII, pelo menos até as críticas avassaladoras de Pedro de João Olivi e Duns Escoto (forjadas a partir da leitura da autoridade de Avicena) (OLIVI, 1922; SCOTUS, 1997; SCOTUS, 1999)⁶, as justificações para a lista aristotélica das categorias assumiram a forma da *sufficiencia*, isto é, um procedimento didático que visa mostrar que uma lista esgota um de-

⁵ Não nos debruçaremos sobre as dezenas de semelhanças que podem ser encontradas entre os dois autores, dado que Heine Hansen já fez esse trabalho, exemplificando com uma análise em paralelo de algumas questões nos dois comentários, nomeadamente uma questão sobre a categoria do onde (*ubi*). Relativamente a estas semelhanças, afirma o seguinte: "*Nonetheless, in many cases we are clearly dealing with the same philosophical contents presented in different ways. [Segue-se uma longa comparação entre as passagens de Nicolau e de João Pago]. [...] The passage is in many ways representative of the nature of the parallels between the two commentaries. They are not always as close as is the case here, and they are never so close that one commentator can be seen to have merely copied the other verbatim. They consist rather in shared philosophical or exegetical problems and positions presented in very similar ways. They are quite numerous and frequently come in clusters, and they are clearly not completely incidental. [...] Nor is it immediately clear which direction the influence took, if indeed there was one. It is clear, however, that if there was one, it was only partial. For the fact is that the clusters of shared questions are usually flanked by sequences of questions where the two commentaries have little to nothing in common, and the two commentators may well, as already mentioned, resolve the same problem differently. It is difficult to say which of the two commentaries antedates the other, but the wide range of authoritative texts invoked by Pagus (including the works of Averroes) may perhaps suggest that his commentary is the later one*" (HANSEN, 2012, p. 43-44).

⁶ Quanto à autoridade de Avicena na matéria, trata-se de uma perplexidade nossa que ainda não fomos capazes de resolver: o texto do *Livro da Cura* em que apresenta as críticas às vias divisivas não se encontrava traduzido para latim, embora haja indícios de que alguns autores soubessem dessas críticas e as atribuísem a Avicena. Porém, há uma passagem da primeira parte, segundo tratado, dos *Libri naturalium*, citada por Olivi, em que Avicena considera que não está obrigado a seguir "aquela famosa regra segundo a qual se diz que os géneros são dez, os quais têm uma generalidade certíssima, e que não há nada fora deles" [*Nos enim non cogimur observare hanc regulam famosam qua dicitur quod decem sunt genera, quorum uniuscuiusque est certissima generalitas, et quod nihil est extra ipsa*] (AVICENNA LATINUS, 2006, p. 185). Quanto às críticas de Avicena (as quais coincidem, como dissemos, com as de Olivi e Escoto nas passagens indicadas) às vias divisivas (no seu caso, deveria ser uma via divisiva baseada em Olimpodoro que circulava no seu tempo), elas têm dois elementos-chave: o primeiro é que provam exatadamente o contrário daquilo que pretendem, a saber, ao invés de provarem a irreduzibilidade de cada uma das categorias, mostrariam que há noções mais primárias do que elas; o segundo é que seria necessário provar antes quais os critérios de divisão. Quanto a este segundo ponto, é interessante verificar que Avicena chega a propor a sua própria via divisiva corrigida, partindo de uma reflexão sobre os critérios de divisão corretos, mesmo sabendo que ela não prova nada (THOM, 2015).

terminado assunto a partir de uma via divisiva⁷. Vejamos resumidamente qual é a proposta de Nicolau de Paris.

No prólogo, Nicolau de Paris procura mostrar de que modo a ciência do livro das *Categorias* pertence à lógica, distinguindo lógica e metafísica a partir do par *res sciens vs. res scienda*:

Acrescente-se que a metafísica é a ciência acerca de todo o ente e partes do ente de acordo com a verdade e a possibilidade da coisa a conhecer (*res scienda*). Daí que se diga que a metafísica é apenas de Deus ou de poucos homens. A lógica, na verdade, não é acerca de todo o ente de acordo com a verdade, mas de acordo com a possibilidade da coisa que conhece (*res sciens*), e não da coisa a conhecer. Enquanto a metafísica é acerca de todo o ente e partes do ente na aceção simples enquanto ente (*simpliciter inquantum ens*), a lógica, na verdade, é acerca de todo o ente e partes do ente enquanto são significados pelo discurso (PARISIENSIS, [13--], f. 42ra)⁸.

A ciência das *Categorias* pertence à lógica na medida em que o seu sujeito é o dizível incompleto ordenável, ou, à maneira de Boécio⁹, as dez palavras que significam os dez gêneros primeiros das coisas. O seu lugar na lógica prende-se com a sua relação com o silogismo: de fato, o fim remoto da ciência das categorias é o conhecimento do silogismo, posto que as partes das proposições que constituem os silogismos se encontram, inevitavelmente, num dos dez gêneros de palavras que significam os dez gêneros primeiros das coisas.

Neste aspecto, Nicolau segue a posição comum do seu tempo, que pode ser encontrada também em Roberto Kilwardby, João Pago, ou ainda no chamado *Compendium examinatorium parisiensis* (KILWARDBY, 2021; HANSEN, 2012; LAFLEUR; CARRIER, 1992).

Estabelecido o sujeito das *Categorias* e o seu enquadramento na lógica, estamos prontos para compreender a sua proposta de suficiência das categorias. Esta difere de outras propostas con-

temporâneas, como a de Kilwardby. Nicolau propõe uma primeira divisão extremamente comum, retirada diretamente de Aristóteles: substância vs. acidente. Os acidentes vão ser divididos a partir de um critério retirado do *Liber sex principiorum: intrinsecus adveniens vs. extrinsecus adveniens* (ANONYMUS, 1966). Esta famosa divisão procura distinguir aqueles acidentes que são inerentes à substância daqueles que têm um caráter extrínseco. Os que têm um caráter extrínseco exigem outro sujeito além daquele no qual se encontram primeiramente. De acordo com este autor, há três formas advenientes intrínsecas: quantidade, qualidade e relação. As restantes seis são extrínsecas. Ao contrário do que acontece com a sistematização das categorias proposta na célebre paráfrase temistiana às *Categorias (Categoriae decem)*, o *Liber sex principiorum* não equaciona a hipótese de um *medio modo*, isto é, de categorias que se encontram parcialmente dentro, parcialmente fora da substância. Outras *sufficiantiae* do seu tempo faziam uso do *medio modo*, como é o caso de Roberto Kilwardby (PSEUDO-AUGUSTINUS, 1961; KILWARDBY, 2021).

O segundo critério de divisão dos acidentes usado por Nicolau de Paris provém do hilemorfismo aristotélico. Numa tentativa de tornar a teoria das categorias coincidente com a metafísica aristotélica, Nicolau, como era frequente no seu tempo, distribui os três acidentes intrínsecos pela estrutura hilemórfica da substância: a quantidade inere na substância por intermédio da matéria; a qualidade, por intermédio da forma; a relação, por intermédio do composto como um todo.

Os acidentes extrínsecos são divididos a partir dos intrínsecos, isto é, eles não inerem imediatamente na substância, mas fazem-no apenas mediante um dos acidentes intrínsecos:

Se, na verdade, for adveniente extrínseco, então não inere primeira e imediatamente na substância, mas mediante algo intrínseco: logo,

⁷ Sobre as *sufficiantiae* em geral e a sua origem na deslocação para outros domínios de um procedimento semelhante nos *Tópicos*, bem como nas tentativas de Boécio de estabelecer a completude dos universais (CORREIA, 2021; HANSEN, 2017).

⁸ "Iterum methaphisica est scientia de toto ente et partibus entis secundum veritatem et possibilitatem rei sciende. Unde dicitur quod methaphisica est solis Dei aut paucorum hominum. Logica vero non est de toto ente secundum veritatem sed secundum possibilitatem rei scientis et non rei sciende. Cum methaphisica sit de toto ente et partibus entis simpliciter inquantum ens, logica vero est de toto ente et partibus entis inquantum significantur per sermonem" (PARISIENSIS, [13--], f. 42ra).

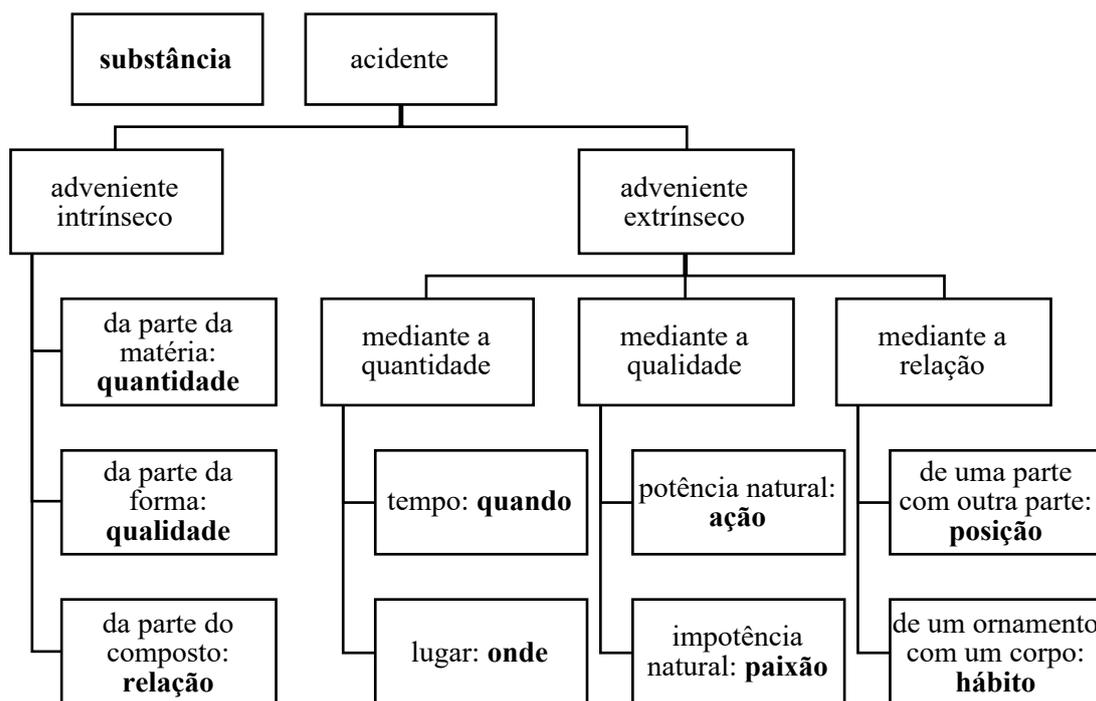
⁹ "Ut igitur concludenda sit intentio, dicendum est in hoc libro de primis vocibus, prima rerum genera significantibus in eo quod significantes sunt, dispositum esse tractatus" (BOETIUS, 1891, p. 161).

ou mediante a quantidade, ou <mediante> a qualidade, ou <mediante> a relação. Se inere na substância mediante a quantidade, então existem dois: o quando e o onde. Com efeito, o quando inere na substância mediante o tempo e o onde mediante o lugar. Se mediante a qualidade, também existirão dois, a saber, a ação e a paixão: a ação, de facto, inere mediante a potência natural e a paixão mediante a impotência. Se mediante a relação, então também existirão dois, a saber, estar posicionado e ter: efetivamente, o ser do posicionado é causado pela relação de uma parte com uma parte, pelo que se diz que a posição é uma certa situação das partes e ordenação da geração. O hábito, na verdade, é causado pela relação do ornamento com o corpo, relação esta segundo a qual dizem que alguém está calçado ou armado (PARISIENSIS, [13--], f. 44vb)¹⁰.

dos acidentes intrínsecos é responsável pela mediação de dois acidentes extrínsecos. O quando e o onde, de fato, não inerem diretamente na substância, mas fazem-no mediante o tempo e o lugar, que são tomados como quantidades; a ação e a paixão são devidas à potência ou impotência natural, que é uma das espécies de qualidade; a posição e o ter (ou hábito) dizem sempre respeito a uma relação, a saber, ou à relação das partes entre si, ou à relação entre um corpo e aquilo que ornamenta esse corpo (uma peça de vestuário, uma arma, um sapato...). Esquematizemos a sua via divisiva:

Como se pode verificar pelo texto, cada um

Figura 1 – Via divisiva de Nicolau de Paris



Fonte: Elaborada pelo autor (2022).

Esta via divisiva demonstraria a completude da lista aristotélica das categorias, posto que nela

se encontrariam os dez gêneros sob os quais se encontrariam todas e quaisquer palavras que

¹⁰ "Si uero est extrinsecus adueniens, tunc primo et immediate non inest substantie, sed mediante aliquo intrinseco: aut ergo mediante quantitate, uel qualitate, uel relatione. Si mediante quantitate inest substantie tunc sunt duo: quando et ubi. Inest enim quando substantie mediante tempore; ubi uero mediante loco. Si mediante qualitate erunt iterum duo, scilicet, actio et passio. Actio enim inest mediante naturali potentia; passio mediante naturali impotentia. Si mediante relatione tunc iterum erunt duo, scilicet, situs et habere. Causatur enim situs esse per relationem partis ad partem, secundum quod dicitur positio est quidam partium situs et generationis ordinatio. Habitus uero causatur per relationem ornamenti ad corpus, secundum quam relationem dicimus aliquem calciatum est uel armatum est" (PARISIENSIS, [13--], f. 44vb).

significam alguma coisa (real). Poder-se-ia perguntar, como o fez, muito antes desta tentativa, Avicena, e como fizeram Pedro de João Olivi e Duns Escoto, por que razão são estas as divisões e não outras (OLIVI, 1922; SCOTUS, 1997, 1999). Poder-se-ia ainda considerar que, a haver um esquema arbóreo à maneira de uma árvore porfiriana, aquilo que se está a mostrar é, justamente, que as categorias não são categorias, porque podem ser reduzidas a gêneros mais primários.

Julgo que este procedimento da via divisiva tem um caráter claramente aproximativo, cumprindo uma função mais didática do que especulativa. Isto pode verificar-se até pelo texto que se segue a esta via divisiva. Efetivamente, Nicolau reagrupa as seis categorias extrínsecas novamente, mas desta vez a partir da estrutura hilemórfica, como fizera para as intrínsecas: a ação diz respeito à forma; a paixão e a posição, à matéria; o hábito, ao composto; por fim, onde e quando dizem respeito ao movimento, cujas palavras que o significam se encontram nas categorias da ação e da paixão. Esta segunda tentativa apresenta pelo menos duas incoerências relativamente à primeira sem que Nicolau diga uma palavra sobre isso. A primeira incoerência é o fato de a paixão, na primeira tentativa, inerir indiretamente na substância mediante a qualidade, a qual decorre da forma, não da matéria. A segunda incoerência encontra-se no estatuto da posição, que na primeira tentativa estava ligada à relação (ao composto, portanto), não à matéria.

No seu comentário ao *Liber sex principiorum*, Nicolau de Paris repete as duas tentativas pela ordem inversa¹¹. Trata-se mais de uma forma de sistematizar as matérias por motivos de ordem

didática do que propriamente uma teoria coerente e sólida.

Apesar disso, podemos verificar que há um desconforto quanto ao fato de Aristóteles não apresentar nenhuma justificação para a sua lista, que é uma enumeração, seguida de exemplificação. Esta tensão levou os comentadores e intérpretes a procurar soluções cada vez mais sofisticadas para suprir esta lacuna. A nossa leitura, que exigiria uma fundamentação alargada¹², do percurso dos comentadores e intérpretes face a este desconforto é a de que, no processo de escolarização dos conteúdos aristotélicos, a *sufficiencia* começa por ser um procedimento didático, o qual se vislumbra como uma boa ferramenta para justificar a completude da lista aristotélica. Numa segunda fase, este procedimento didático começa a ser aprimorado, estendido, complexificado, até chegarmos a *sufficienciae* como a de Tomás de Aquino (THOMAS DE AQUINO, 1965, 1971). Segue-se a essa complexificação um abandono, não repentino, mas gradual, face às críticas contra a *sufficiencia* apontadas por autores como Olivi e Escoto. Este lastro teórico de discussão, contudo, conduz a uma espécie de reformulação da pergunta, a qual vai ser respondida de diversos modos ao longo dos séculos seguintes, a saber, que tipo e que grau de distinção são suficientes para que uma categoria seja considerada distinta de outra¹³.

O texto aqui editado e traduzido faz parte deste longo percurso de tentativas, é uma das instâncias deste percurso e é um exemplo importante do uso da *sufficiencia*, ou via divisiva, como procedimento comum para justificar a completude da lista aristotélica das categorias.

¹¹ "Adhuc dicendum quod forme extrinsecus affixe aut adueniunt ratione materie, aut forme, aut compositi. Si ratione materie, aut ratione materie simpliciter, et sic passio, aut discrete, et sic positio; aut forme, et sic actio; aut compositi, et sic habitus. Sed quia omnis actio et passio sunt in motu, et omnis motus in loco et tempore, propter hoc etc. Vel aliter forme aduenientes extrinsecus causantur a formis intrinsecis aduenientibus. Aut ergo a quantitate, et hoc aut permanente, et sic est ubi, aut successiva, et sic est quando. Aut a qualitate, et hoc est aut a naturali potentia, aut naturali impotentia; primo modo est actio; secundo modo passio. Aut a relatione, et hoc dicitur aut partium ad totum, et sic est positio, aut ornantis ad ornatum, et sic est habitus" [Quanto a isto, diga-se que as formas anexas de um modo extrínseco ou advêm pela razão da matéria, ou da forma, ou do composto. Se pela razão da matéria, ou pela razão da matéria na aceção simples, e assim <é> a paixão, ou <da matéria> discreta, e assim <é> a posição; ou pela forma, e assim <é> a ação; ou pelo composto, e assim <é> o hábito. Mas porque toda a ação e paixão estão no movimento, e todo o movimento no lugar e no tempo, então devido a isto etc. De outro modo, as formas advenientes de um modo extrínseco são causadas pelas formas advenientes de um modo intrínseco. Logo, ou pela quantidade, e esta ou permanente, e assim é lugar, ou sucessiva, e assim é quando. Ou pela qualidade, e esta ou é pela potência natural, ou pela impotência natural: no primeiro modo é ação; no segundo modo paixão. Ou pela relação, e isto diz-se ou pelas partes relativamente ao todo, e assim é posição, ou do ornante relativamente ao ornado, e assim é hábito] (PARISIENSIS, [12--?], f. 14ra).

¹² Procurámos fazê-la em Correia (2021).

¹³ É ainda esta a pergunta colocada por Suárez (1964) nas *Disputationes metaphysicae*.

É também o primeiro texto de Nicolau de Paris a ser traduzido para a língua portuguesa, com a esperança de que este autor se torne mais conhecido e estudado no mundo lusófono.

2 Edição: Nicolaus Parisiensis, *Rationes super Praedicamenta Aristotelis, prooemium e q. 3* (ms. Munique, Bayerische Staatsbibliothek, clm 14460, ff. 42ra e 44vb)

<Prooemium>

[42ra] *Quedam sunt scientie speciales et de partibus entis et non de toto ente, ut geometria, arismetica, musica. Quedam sunt scientie communes et sunt de toto ente et partibus entis, ut dyalectica et metaphisica. Cum ergo dyalectica sit logica, si dyalectica est de toto ente, et logica est de toto ente et partibus entis. Differenter tamen methaphisica a logica: nam methaphisica docens et utens est de toto ente et partibus entis. Sed logica utens est de toto ente et partibus entis; logica uero docens est de sillogismo et partibus eius. Iterum methaphisica est scientia de toto ente et partibus entis secundum ueritatem et possibilitatem rei sciende. Unde dicitur quod methaphisica est solis Dei aut paucorum hominum. Logica uero non est de toto ente secundum ueritatem sed secundum possibilitatem rei scientis et non rei sciende. Cum methaphisica sit de toto ente et partibus entis simpliciter in quantum ens, logica uero est de toto ente et partibus entis in quantum significantur per sermonem. Logica ergo cum sit de partibus entis in quantum significantur per sermonem non considerat partes entis propinquas sed remotas, scilicet, mediante eo quod infinita sunt et sub sillogismum artem cadunt, nec etiam considerat partes remotas, scilicet, species eo que sunt in quodam modo tamen indefinito quo ad nos. Considerat ergo partes entis in quodam modo determinato, scilicet, denario. Unde dicit Boecius super commentum huius libri quod Aristoteles determinat hic de X uocibus X prima rerum genera significantibus. Et quia una est scientia ab unitate subiecti non determinat de hiis in quantum X sunt, sed in quantum uniuntur in hoc communi quod est dicibile incomplexum ordinabile.*

Est ergo causa materialis siue subiectum huius libri dicibile incomplexum ordinabile. Causa uero formalis duplex: forma tractatus et forma tractandi. Forma tractandi est modus agendi qui est diffinitiuus, diuisiuus, probatiuus, improbatiuus, exemplaris. Forma tractatus est ordinatio capitulorum parcialium. Causa uero finalis duplex, secundum quod est duplex finis: propinquus et remotus. Finis propinquus est cognitio X predicamentorum secundum se et partes suas et proprietates parcium. Finis remotus est ad sciendum philosophiam disciplinas. Determinatur enim in hoc libro de X uocibus prima X rerum genera significantibus que sunt materia propositionum ex quibus fit sillogismus probans mediante quo generatur doctrina et disciplina circa partes entis. Causa efficiens est Aristoteles tractans hanc doctrinam. Titulus talis est: "Incipit librum predicamentorum". Predicamentum enim est collectio predicabilium, predicabile autem idem est quod dicibile incomplexum ordinabile. Unde idem est "Incipit librum de dicibili incomplexo ordinabili" et "Incipit librum predicamentorum".

Supponitur autem rationali philosophie quia determinat hic de X uocibus prima rerum genera significantibus et ipso uocis a ratione est et in uerum more ideo dico quod iste librum supponitur rationali philosophie.

<Questio 3:> *Item queritur quare sint tot membra dictionis et hoc est queritur quare sint X predicamenta tantum et non plura nec pauciora*

[44vb] *Ad aliud dicendum quod tot sunt membra dictionis et non plura quia omne quod est aut est substantia aut accidens, et sic primum membrum substantie. Si uero sit accidens hoc est dupliciter: aut enim est accidens intrinsecus adueniens aut extrinsecus. Et dicuntur accidentia extrinsecus aduenientia que preter subiectum in quo sunt aliud exigunt subiectum, ut actio est in agente, et preter hoc exigit aliud subiectum. Si est intrinsecus adueniens aut inest substantie principaliter a parte materie, et sic est quantitas, aut a parte forme, et sic est [quantil] qualitas, aut a parte coniuncti, et sic est relatio. Si uero est extrinsecus adueniens, tunc primo et immediate non inest substantie, sed*

mediante aliquo intrinseco: aut ergo mediante quantitate¹⁴, uel qualitate, uel relatione. Si mediante quantitate insit substantie tunc sunt duo: quando et ubi. Inest enim quando substantie mediante tempore; ubi uero mediante loco. Si mediante qualitate erunt iterum duo, scilicet, actio et passio. Actio enim inest mediante naturali potentia; passio mediante naturali impotentia. Si mediante relatione tunc iterum erunt duo, scilicet, situs et habere. Causatur enim situs esse per relationem partis ad partem, secundum quod dicitur positio est quidam partium situs et generationis ordinatio. Habitus uero causatur per relationem ornamenti ad corpus, secundum quam relationem dicimus aliquem calciatum est uel armatum est. Et secundum hoc sumitur numerus accidentium extrinsecorum sic: quod omne accidens extrinsecus aut est a parte forme, et sic est actio; uel a parte materie, et hoc dupliciter – aut a parte materie simpliciter, et tunc est passio, aut a parte materie diuise, et tunc est positio –; aut a parte coniuncti, et sic est habitus. Et quia actio et passio sunt motus et omnis motus nihil habet nisi in loco et in tempore, ideo exigitur ubi quod derelinquitur a loco, et quando quod derelinquitur a tempore. Et sic patet numerus membrorum dictionis.

3 Tradução: Nicolau de Paris, *Sobre os Predicamentos de Aristóteles*, próêmio e questão 3

<Próêmio>

42ra¹⁴ Algumas ciências são específicas, acerca de partes do ente e não do ente todo, tais como a geometria, a aritmética e a música. Outras são ciências comuns, e são acerca de todo o ente e partes do ente, tais como a dialética e a metafísica. Logo, uma vez que a dialética é a lógica, se a dialética é acerca de todo o ente, também a lógica é acerca de todo o ente e partes do ente. Contudo, a metafísica é <acerca de todo o ente> de um modo diferente da lógica: de facto, quer a metafísica *docens*, quer a *utens*¹⁵, são acerca de

todo o ente e partes do ente. Já a lógica *utens* é acerca de todo o ente e partes do ente, enquanto que a lógica *docens* é acerca do silogismo e das suas partes. Acrescente-se que a metafísica é a ciência acerca de todo o ente e partes do ente de acordo com a verdade e a possibilidade da coisa a conhecer (*res scienda*). Daí que se diga que a metafísica é apenas de Deus ou de poucos homens. A lógica, na verdade, não é acerca de todo o ente de acordo com a verdade, mas de acordo com a possibilidade da coisa que conhece (*res sciens*), e não da coisa a conhecer. Enquanto a metafísica é acerca de todo o ente e partes do ente na aceção simples enquanto ente (*simpliciter in quantum ens*), a lógica, na verdade, é acerca de todo o ente e partes do ente enquanto são significados pelo discurso. Logo, a lógica, como fosse acerca das partes do ente enquanto são significadas pelo discurso, não considera as partes próximas do ente, mas as remotas, a saber, mediante aquilo em que são infinitas e recaem sob a arte do silogismo; e também não considera as partes remotas cujas espécies são de um certo modo indefinido relativamente a nós. Logo, considera as partes do ente num certo modo determinado, a saber, em dez partes. Por isso, Boécio (1891) diz, sobre o comentário a este livro, que Aristóteles determina aqui as dez palavras que significam os dez gêneros primeiros de coisas. E posto que uma ciência é una a partir da unidade do sujeito, não os determina enquanto são dez, mas enquanto estão unidos em algo comum, que é o dizível incomplexo ordenável. Portanto, a causa material ou sujeito deste livro é o dizível incomplexo ordenável. A causa formal, por sua vez, é dúplice: a forma do tratado e a forma de tratar. A forma de tratar é o modo de agir que é definitivo, divisivo, probatório, exprobatório e exemplar. A forma do tratado é a ordenação das partes dos capítulos. A causa final, com efeito, é dúplice de acordo com o dúplice fim: próximo e remoto. O fim próximo é a cognição dos dez predicamentos em si, das suas partes e das

¹⁴ | *Scripsit qualitate.*

¹⁵ O par *docens* – *utens* era utilizado para distinguir entre dois modos de utilizar uma disciplina ou um saber. Há um modo, por assim dizer, pré-científico ou de uso corrente (*utens*) e há outro científico ou próprio do ensino dessa disciplina ou saber (*docens*).

propriedades das partes. O fim remoto é o conhecimento das disciplinas filosóficas. Com efeito, determina-se neste livro as dez palavras que significam os dez gêneros primeiros de coisas, que são a matéria das proposições a partir das quais se faz o silogismo probatório (*sillogismus probans*), mediante o qual se gera a doutrina e o saber (*doctrina et disciplina*) acerca das partes do ente. A causa eficiente é Aristóteles ao tratar desta doutrina. O título é este: "Começa o livro dos predicamentos". Predicamento, com efeito, é uma coleção de predicáveis, e o predicável é aquilo que é dizível incompleto ordenável. Daí que é o mesmo "Começa o livro sobre o dizível incompleto ordenável" e "Começa o livro dos predicamentos".

Porém, está contido na filosofia racional, pois determina aqui as dez palavras significantes dos dez gêneros primeiros de coisas, e a própria palavra vem da razão, e portanto, como é costume, digo que este livro está contido na filosofia racional.

<Questão 3:> Pergunta-se por que razão são estes todos os membros da palavra <incompleta ordenável>, isto é, por que razão existem apenas dez predicamentos e não mais nem menos

[44vb] Quanto ao outro, é de dizer que são estes os membros da divisão e não mais, pois todo o que é, ou é substância ou acidente, e assim o primeiro membro é a substância. Se, na verdade, for acidente, este é duplice: com efeito, ou é um acidente adveniente intrínseco ou extrínseco. E dizem-se acidentes advenientes extrínsecos aqueles que exigem outro sujeito para além daquele no qual se encontram, como por exemplo uma ação está num agente e além dele exige outro sujeito. Se é adveniente intrínseco, ou inere na substância principalmente da parte da matéria, e assim é a quantidade; ou da parte da forma, e assim é a qualidade; ou da parte do conjunto, e assim é a relação. Se, na verdade, for adveniente extrínseco, então não inere primeira e imediatamente na substância, mas mediante algo intrínseco: logo, ou mediante a quantida-

de, ou <mediante> a qualidade, ou <mediante> a relação. Se inere na substância mediante a quantidade, então existem dois: o quando e o onde. Com efeito, o quando inere na substância mediante o tempo e o onde mediante o lugar. Se mediante a qualidade, também existirão dois, a saber, a ação e a paixão: a ação, de fato, inere mediante a potência natural e a paixão mediante a impotência. Se mediante a relação, então também existirão dois, a saber, estar posicionado e ter: efetivamente, o ser do posicionado é causado pela relação de uma parte com uma parte, pelo que se diz que a posição é uma certa situação das partes e ordenação da geração. O hábito, na verdade, é causado pela relação do ornamento com o corpo, relação esta segundo a qual dizem que alguém está calçado ou armado. E de acordo com isto, toma-se o número dos acidentes extrínsecos assim: que todo o acidente extrínseco ou é da parte da forma, e assim é ação; ou da parte da matéria, e isto duplamente – ou da parte da matéria na aceção simples, e assim é a paixão, ou da parte da matéria dividida, e assim é a posição –; ou da parte do conjunto, e assim é o hábito. E porque a ação e a paixão são movimento, e nenhum movimento tem nada a não ser que esteja no lugar e no tempo, então exige-se o onde, que é concedido pelo lugar, e o quando, que é concedido pelo tempo. E assim é patente o número dos membros da palavra (*dictio*) <incompleta ordenável>.

Referências

ANONYMUS. Liber sex principiorum. In: MINIO-PALUELLO, Lorenzo (ed.). *Aristoteles latinus*. Paris: Desclée De Brouwer, 1966. p. 35-59. v. 1.6-7.

AVICENNA LATINUS. *Liber Primus Naturalium*: de motu et de consimilibus. Edited: Simone Van Riet; Jules Janssens; André Allard. Lovaina-a-Nova: Académie Royale de Belgique, 2006. t. 2.

BOETIUS. *Categorias*. In: *Aristotelis libri quatuor*. Paris: Garnier, 1891. (Patrologia Latina, v. 64).

BRAAKHUIS, Henricus Antonius Giovanni. *De 13de eeuwse tractaten over syncategorematische termen*: inleidende studie en uitgave van Nicolaas Van Parijs' Syncategoremata. Meppel: Krips Repro, 1979.

CORREIA, Mário João Rosas Rebelo. *De sufficientia praedicamentorum*: suficiência e distinção das categorias na escolástica medieval. 2021. 315 f. Tese (Doutorado em Filosofia) – Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, 2021.

HANSEN, Heine. Accounting for Aristotle's Categories: some notes on the medieval sufficientiae praedicamentorum before Albert the Great. In: THÖRNQVIST, Christina Thomsen; BYDÉN, Börje (ed.). *The aristotelian tradition*: Aristotle's works on logic and metaphysics and their reception in the middle ages. Toronto: Pontifical Institute of Mediaeval Studies, 2017. p. 16-48.

HANSEN, Heine. *John Pagus on Aristotle's categories*: a study and edition of the rationes super praedicamenta Aristotelis. Lovaina: Leuven University Press, 2012.

HANSEN, Heine. Strange finds, or Nicholas of Paris on relations. In: FINK, Jacob Leth; HANSEN, Heine; MORRA-MÁRQUEZ, Ana María (ed.). *Logic and language in the middle ages*: a volume in honour of Sten Ebbesen. Boston: Brill, 2013. p. 139-154. (Investigating Medieval Philosophy, v. 4).

LAFLEUR, Claude; CARRIER, Joanne. L'Introduction à la philosophie de maître Nicolas de Paris. In: LAFLEUR, Claude; CARRIER, Joanne (ed.). *L'enseignement de la philosophie au XIII^e siècle*: autour du "Guide de l'étudiant" du ms. Ripoll 109. Turnhout: Brepols 1997. p. 447-465. (Studia Artistarum, v. 5).

LAFLEUR, Claude; CARRIER, Joanne. *Le "Guide de l'étudiant" d'un maître anonyme de la faculté des arts de Paris au XIII^e siècle. Édition critique provisoire du ms. Barcelona, Arxiu de la Corona d'Aragó. Quebeque*: Faculté de Philosophie de l'Université Laval, 1992. Ripoll 109, p. 134ra-158va.

OLIVI, Petrus Iohannis. *Quaestiones in secundum librum Sententiarum*. Quaracci: Ex Typographia Collegii S. Bonaventurae, 1922. p. 482-498. v. 1.

PAETOW, Louis John. *The battle of the seven arts*: a french poem by Henry d'Andeli, trouvère of the thirteenth century. Berkeley: University of California Press, 1914.

PARISIENSIS, Nicolaus. *Rationes sex principiorum*. Vaticano: Biblioteca Apostolica Vaticana, [12--?]. Vat. Lat. 3011. p. 11r-21v.

PARISIENSIS, Nicolaus. *Rationes super Praedicamenta Aristotelis*. München: Bayerische Staatsbibliothek, [13--]. Clm 14460. p. 42ra-62ra. Disponível em: <https://opacplus.bsb-muenchen.de/title/BV021540191>. Acesso em: 28 jul. 2021.

PSEUDO-AUGUSTINUS. Pseudo-Augustini paraphrasis themistiana. In: MINIO-PALUELLO, Lorenzo (ed.). *Aristoteles latinus 1.1-5*. Bruges: Desclée de Brouwer, 1961. p. 133-175.

KILWARDBY, Robertus. *Notulae super Praedicamenta Aristotelis*. Edited: Alessandro Domenico Conti. 2021. Disponível em: https://www.ram-alessandroconti.com/wp-content/uploads/2021/04/Kilwardby_Praedicamenta_Notulae-super-Librum-Praedicamentorum.pdf. Acesso em: 3 abr. 2021.

SCOTUS, Ioannes Duns. *Quaestiones super libros Metaphysicorum Aristotelis*: libri I-V. Edited: Robert Andrews et al. Nova Iorque: The Franciscan Institute, 1997. (B. Ioannis Duns Scoti Opera Philosophica, v. 3).

SCOTUS, Ioannes Duns. *Quaestiones super Praedicamenta Aristotelis*. Edited: Robert Andrews et al. Nova Iorque: The Franciscan Institute, 1999. (B. Ioannis Duns Scoti Opera Philosophica, v. 1).

SUÁREZ, Francisco. *Disputaciones metafísicas*. Madrid: Editorial Gredos, 1964. t. 5.

THOM, Paul. The division of the categories according to Avicenna. In: ALWISHAH, Ahmed; HAYES, Josh (ed.). *Aristotle and the Arabic Tradition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2015. p. 30-49.

THOMAS DE AQUINO. *In duodecim libros Metaphysicorum Aristotelis exposition*. Edited: Raimondo Maria Spiazzi. Taurini: Marietti, 1971.

THOMAS DE AQUINO. *In octo libros Physicorum Aristotelis expositio*. Edited: Mariano Maggiolo. Taurini: Marietti, 1965.

WEIJERS, Olga. *Le travail intellectuel à la faculté des arts de Paris*: textes et maîtres (ca. 1200-1500). Turnhout: Brepols, 2005.

Mário João Correia

Investigador Integrado (CEEC Individual FCT) do Instituto de Filosofia, Medieval and Early Modern Philosophy (Gabinete de Filosofia Medieval), Faculdade de Letras da Universidade do Porto, com o projeto "Taxonomies of Distinction in Iberian Scholasticism: Francisco Suárez, Pedro da Fonseca and Pedro Luis". Doutorado em Filosofia (2021) pela mesma Universidade com a tese *De sufficientia praedicamentorum: suficiência e distinção das categorias na escolástica medieval*.

Endereço para correspondência

MÁRIO JOÃO CORREIA

Universidade do Porto, Instituto de Filosofia, Faculdade de Letras

Via Panorâmica, s/n, 4150-564

Porto, Portugal

Os textos deste artigo foram revisados pela Texto Certo Assessoria Linguística e submetidos para validação dos autores antes da publicação.